

# O processo de construção da identidade moçambicana no período de paz: Análise do programa *Ver Moçambique* da TVM como vínculo identitário<sup>1</sup>

Vicente Amone Nhacumba\*

## Resumo

Este artigo tem como objectivo analisar a forma como a Televisão de Moçambique – Empresa Pública, através do programa *Ver Moçambique*, contribui no processo de construção da identidade moçambicana. Para tal, realizámos entrevistas exploratórias aos produtores do programa, neste caso, jornalistas – editores do programa, directores da TVM e personalidades que estiveram ligadas ao processo da criação da empresa Televisão de Moçambique e do programa *Ver Moçambique*. Analisámos dois meses (Setembro e Outubro de 2010) de emissões do programa *Ver Moçambique* e, por último, entrevistámos receptores do programa, no distrito de Magude, como forma de aferir até que ponto o referido programa assume um papel como vínculo identitário.

**Palavras-Chave:** Televisão de Moçambique; identidade nacional; Moçambique; memória social; diversidade cultural.

## Abstract

This article aims to analyze how the Television of Mozambique – EP through the programme *Ver Moçambique* contributes in the process of building up the Mozambican identity. Therefore, we have conducted interviews to the producers of the programme, namely: journalists-editors of the programme, directors of TVM and other personalities that have been linked with the process of creation of the company, Television of Mozambique, as well as the programme *Ver Moçambique*. We have analysed two months period (September & October 2010) of rebroadcasting of the programme *Ver Moçambique*, and finally, we have interviewed the audience of the district of Magude as a way to find out at what extent the programme is playing the role of building the identity of the country.

**Key words:** Moçambique television; national identity; Mozambique; social memory; culture diversity.

<sup>1</sup> Este artigo apresenta alguns resultados de uma dissertação apresentada na Universidade do Minho para obtenção do grau de Mestrado. Para mais detalhes sobre o estudo pode consultar-se Nhacumba (2011).

\* Jornalista na Televisão de Moçambique – Empresa Pública, Maputo, Moçambique. Mestre em Ciências da Comunicação, especialização em Informação e Jornalismo, Universidade do Minho, Portugal, viceamo@gmail.com

## Introdução

A questão da identidade nacional tem sido tema de destaque nos últimos anos, pelo facto de poder servir como elo no processo das relações entre as várias comunidades que compõem um determinado Estado-nação. Para tal, considerámos importante perceber como é que as comunidades se caracterizam para que elas possam interagir como um só povo, deixando de lado as suas diferenças culturais, étnicas, políticas e religiosas.

A identidade social de um indivíduo resulta do reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e do significado emocional atribuído a essas pertenças, significado esse que depende das semelhanças e diferenças percebidas face a outros indivíduos e grupos (Tajfel, 1972, *in* Cabecinhas, 2007). Na análise das dinâmicas identitárias é importante ter em conta que cada indivíduo pertence simultaneamente a vários grupos sociais, sendo que a saliência dessas diversas pertenças depende do contexto específico e do estatuto relativo dos grupos numa dada estrutura social e num dado momento histórico (Cabecinhas, 2007).

A construção identitária, do ponto de vista dos Estados-nação tem sido assunto de debate na actualidade, uma vez que ainda continua o desmembramento de nações que outrora faziam parte dos países denominados União, ou formados por federações, e que hoje clamam a sua identidade como um Estado-nação.

Para Anderson (2005), a nação não passa de uma comunidade política imaginada e que é arquitectada ao mesmo tempo como intimamente limitada e soberana: “É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunidade” (Anderson, 2005: 25).

No pensamento de Bauman (2004), a ideia de “identidade nacional” não foi construída de uma forma natural, mas sim de forma premeditada na prática humana e do desenvolvimento das sociedades: “A ideia da identidade nasceu da crise de pertença e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade à semelhança da ideia” (Bauman, 2004: 26).

Noutra perspectiva, o sentido de pertença a um “povo” é válido quando os indivíduos são possuidores de direitos e de deveres de cidadania. Esta ideia é inteligível quando os membros de um povo se tornam cidadãos e recebem benefícios da modernidade que só a cidadania de um Estado nacional pode conferir (Smith, 1999).

Outro aspecto apontado por Anderson (2005) é que as novas nações que emergiram após a 2ª Guerra Mundial tiveram uma característica especial na sua formação: “um grande número dessas nações (sobretudo não europeias) adoptaram línguas oficiais europeias [...], foram buscar ao nacionalismo linguístico europeu o seu ardente populismo e ao nacionalismo oficial a propensão política para a russificação” (Anderson, 2005: 157). Para o autor, o ponto de partida para a construção das nações foi o pensamento de sentido de pertença, onde o “nós” marca o simbolismo do nacio-

nalismo e a teoria da legitimidade política é que as fronteiras étnicas não atravessam as fronteiras políticas.

A realidade moçambicana enquadra-se neste contexto, uma vez que para a conquista da independência foi necessário unir três movimentos que vinham contestando a ocupação colonial portuguesa e que passaram a ser denominados de Frente de Libertação de Moçambique, a Frelimo.

Na visão de Mondlane (1969/1995), a tomada de consciência patriótica dos moçambicanos na luta contra a ocupação colonial teve o seu ponto mais alto aquando da contribuição dos intelectuais moçambicanos e que lhes inspirou à unidade nacional. “Foi na escola que começaram a desenvolver as suas ideias políticas e foi na escola que começaram a organizar-se. O próprio sistema de educação português constituía para eles um forte motivo de descontentamento” (Mondlane, 1969/1995: 95). Embora com uma visão regionalista, o pequeno grupo de intelectuais representado por nativos teve como base de manifestação o estado crítico, económico e social, a que se viram remetidos, em consequência do domínio colonial português (Rocha, 2006). Este facto deu-se na primeira década do século XX, onde se destaca o uso de jornais e que mais tarde ganhou uma dimensão nacional.

No entender de Ngoenha (1998), a identidade moçambicana resulta da criação de uma Nação moçambicana e que, no seu ponto de vista, significa que é o ponto de chegada de um processo de busca de liberdade do negro moçambicano. Na esteira de Ngoenha, “a existência da Nação moçambicana depende da capacidade do projecto político de resolver as rivalidades e os conflitos entre grupos sociais, religiosos, regionais ou étnicos, segundo regras reconhecidas como legítimas” (1998: 31).

Elisio Macamo<sup>2</sup>, considera a identidade moçambicana como sendo difícil de caracterizar. Aponta como razões, a questão política e a história e, por outro lado, o facto de esta identidade estar, ainda, em construção.

Segundo o entrevistado, esta questão tem levantado problemas em relação a definição da identidade moçambicana, uma vez ter se constatado que o projecto político do partido no poder era insustentável, pressupõe que a noção da identidade moçambicana que a Frelimo tinha também era problemática. No entender do nosso interlocutor, chegou o momento de identificar nos debates actuais que ocorrem no país o que é ser “moçambicano”.

## Televisão: Meio identitário

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, no mundo globalizado, alterou-se quase todo o cenário na vida das sociedades e a área da comunicação social poderá ter sido a que mais se destacou. Deste modo, a televisão foi o

<sup>2</sup> Elísio Macamo, sociólogo moçambicano, Professor da Universidade de Basileia, Suíça. Entrevistado no Porto no dia 15.04.2011.

meio que trouxe uma nova forma de estar e teve maior impacto na interacção interpessoal dentro das sociedades actuais pela transmissão via imagem e som.

Arnheim (*in* Lopes, 2008:44) aponta a televisão como sendo o prolongamento dos nossos sentidos: “A televisão veio alterar a nossa atitude em relação à realidade: faz-nos conhecer melhor o mundo e, sobretudo, dá-nos uma sensação da multiplicidade de coisas que acontecem simultaneamente em sítios diferentes”. Sob ponto de vista de Newcomb (1999, *in* Lopes, 2006), a televisão pode contribuir para a identidade nacional, não porque narra conteúdos, nem porque constrói tempos sociais ou cria sentido de pertença, mas porque dá espaço para representações, constituídos por fóruns electrónicos no qual as diversas partes sociais podem ter acesso ou ser representadas, e no qual, ao menos potencialmente, se exprimem.

Segundo Wolton a televisão constitui “um meio de participar na ordem social a partir de nossa casa” (1994: 302). O autor destaca na sua locução a programação veiculada actualmente pela televisão e a considera como sendo o elo dos laços sociais na sociedade de massa e neste contexto Moçambique não foge à regra, uma vez que passou a ser obrigatório a adesão a este novo avanço tecnológico que representa um marco importante no desenvolvimento do país e da sociedade, em geral. Para Lopes (2008), a televisão pode ser vista, enquanto promotora de elos sociais, em três ângulos: Meio que instala pontos de referências, meio que celebra a vida de todos os dias e como um meio de coesão social.

A construção da identidade por parte das comunidades, nos moldes actuais, é feita na sua maioria a partir das relações que as mesmas mantêm com a sociedade na qual estão inseridas e para tal, os meios de comunicação social têm um papel crucial a desempenhar. No nosso entender um dos melhores veículos para este processo é a televisão. E em Moçambique, este meio de comunicação ocupa um papel importante na formação da identidade nacional, já que a produção de programas nacionais passa a funcionar como agente da união na diversidade dos moçambicanos.

## **História da Televisão de Moçambique – Empresa Pública (E.P.)**

Após a independência nacional, o Governo da Frelimo optou por um sistema de gestão centralizada, isto é, estatal. E foi neste contexto que, em 1980, é criada a Televisão de Moçambique – Experimental. Portanto, sendo a primeira televisão a ser criada, ela funcionou em molde experimental de 1980 até 1989, altura que passou a ser designada Televisão de Moçambique (TVM) e sendo órgão de comunicação social do Estado ficou subordinada ao Ministério de Informação.

Por falta de dados bibliográficos escritos sobre este órgão de informação, os dados que vamos apresentar são baseados nos depoimentos de figuras importantes que estiveram no processo da implantação deste meio de comunicação social moçambicano.

A constituição da Televisão de Moçambique teve como base um projecto lançado, a título experimental, por uma empresa italiana, aquando da exposição na

<sup>3</sup> José Cabaço, Ex Ministro de Informação de Moçambique. Entrevistado em Maputo no dia 01.02.2011.

Feira Internacional de Maputo, nos finais de 1979. José Cabaço<sup>3</sup> refere que os italianos começaram por fazer uma pequena emissão experimental, onde era emitido sinal, apenas para a cidade de Maputo. Esta emissão durou dez dias, mas segundo nosso entrevistado, o entusiasmo por parte dos telespectadores foi grande, que depois de terminada a feira, houve solicitações para que se mantivesse a emissão do sinal. “Portanto, em 1980, em Abril passei para o Ministério de Informação. O Presidente Samora Machel, numa reunião do Governo, ele levantou a questão da televisão e encarregou-me de fazer um estudo sobre a televisão” (Cabaço, 2011).

Segundo o nosso entrevistado, foi necessário desenhar um projecto de aquisição de equipamento e de formação de quadros para futuramente operacionalizar uma Televisão de Moçambique já assente numa estrutura profissional. Durante a formação do pessoal foram produzidas pequenas reportagens apenas aos sábados “fazíamos uma emissão como prova prática da formação”, disse Cabaço. Para além da produção de material local, TVE<sup>4</sup>, também servia-nos dos “enlatados”, programas vindos de fora, para a sua emissão e o sinal era apenas para cidade de Maputo. Este desejo não foi apenas manifestado pela população, mas sim, por outro lado, o Governo moçambicano tinha encontrado um meio com maior impacto para disseminar as suas mensagens e, desta forma, fazer chegar ao cidadão as suas actividades políticas. “Conseguimos com os italianos e um português que vivia cá no Maputo cerca de 400 a 500 televisores e espalhámos os televisores nos locais públicos: Grupo Dinamizadores, hospitais, quartéis e não havia televisores privados; a assistência era pública. Com o avanço do projecto as emissões passaram a ser também nas quartas-feiras” (Cabaço, 2011).

A primeira fase foi conturbada para os profissionais da televisão, que ainda estavam em formação, uma vez que as exigências multiplicaram-se por todo lado. “No início dos anos oitenta criou-se, como corolário de todo este dinamismo, a Televisão Experimental, com grandes dificuldades de ordem material e humanas (...). Mas já se lançavam as bases para que ela viesse a ser escola de produção e realização televisiva no país” (Magaia, 1994: 58-59).

Embora reconhecendo a fragilidade deste novo meio de comunicação, o entusiasmo foi tão grande para os membros do Governo que até “as sessões a nível das instituições do Governo não começavam sem a presença da TVE. Para Cabaço, a Televisão de Moçambique nasce num período em que o país estava mergulhado numa “guerra de destabilização”, esta foi também uma das razões da sua criação. Passou a ser um instrumento importante para o Governo no processo de propaganda. “A ideia principal da criação estava ligada a dois conceitos: política de promoção do Governo e política da unidade nacional” (Cabaço, 2011).

Esta fase ainda contava com três emissões semanais. As notícias e reportagens nacionais produzidas serviam para alimentar a emissão durante a semana. O grande salto deu-se em 1991 quando deixou de ser Televisão Experimental e passou a ser designada Televisão de Moçambique, onde as emissões passaram a ser diárias.

<sup>4</sup> T.V.E. Televisão de Moçambique – Experimental.

E foi nesta década que foram criadas as Delegações da Beira, Nampula e Niassa. Em 1994, a Televisão de Moçambique deixa de estar sob jurisdição do Ministério da Informação e é transformada em empresa pública, passando a ser designada Televisão de Moçambique – Empresa Pública, TVM-E.P., com vista a prestar serviço público. Foi desta forma que passou a assumir um papel preponderante na sociedade moçambicana, como Órgão de comunicação Social, onde tem como objectivos principais: informar, educar, formação da sociedade e entretenimento.

Actualmente, a expansão do sinal da Televisão de Moçambique abrange quase todo território, mas é vista nas capitais provinciais e sedes distritais. Podemos considerar que é uma realidade urbana, porque ainda não é vista pela maior parte da população moçambicana.

Segundo Armindo Chavana<sup>5</sup>, a organização da TVM<sup>6</sup> tenta jogar um papel crucial na construção da identidade, obedecendo a questão da diversidade cultural do país. Dá como exemplo a constituição da empresa no que se refere aos profissionais: “As nossas equipas são constituídas por pessoas de todas as origens. Os trabalhadores do sul trabalham no norte, os do norte estão no centro, etc.” (Chavana, 2011).

Cabaço defende que, actualmente falar da unidade nacional, não se pode desligar do processo da criação da nova identidade e os meios de comunicação social têm um grande papel a desempenhar. “Eu penso, sem dúvida, que a TVM manteve e mantém um papel extremamente importante na definição de uma identidade moderna em Moçambique” (Cabaço, 2011). Corroborando com a mesma ideia, Chavana, considera que a realidade moçambicana, no que diz respeito à sua diversidade é vista neste canal nacional porque os profissionais recolhem a informação em vários cantos do país para emitir em vários programas informativos, educativos e de entretenimento.

No entender de Chavana, a Televisão de Moçambique tem vindo a se destacar como o meio de comunicação social de maior impacto no país pelo facto de estar preocupado com a veiculação de informação sobre os acontecimentos políticos, económicos socioculturais do país e do mundo, ocupa um papel importante na formação da identidade nacional.

## **Historial do Programa Ver Moçambique da TVM – E.P.**

Com o desenvolvimento da tecnologia de informação, os meios de comunicação têm desempenhado um papel importante na socialização das sociedades, através da disseminação da informação. Neste aspecto, Moçambique não foge à regra. Portanto, a procura de espaço para informar, promover as actividades e realizações do Governo, por parte das “elites políticas” moçambicanas nos meios de comunicação,

<sup>5</sup> Armindo Chavana, Presidente do Conselho de Administração da Televisão de Moçambique – Empresa Pública. Entrevistado em Maputo no dia 08.02.2011.

<sup>6</sup> T.V.M – Televisão de Moçambique é uma Empresa Pública criada em 1980 como meio de comunicação social com interesses para servir o público.

concretamente, televisão, tem sido constante, razão pela qual, na TVM nasceu o programa *Ver Moçambique* para dar voz ao cidadão comum<sup>7</sup>.

O programa *Ver Moçambique* da TVM nasce num contexto da viragem de página na história política de Moçambique, acabado de sair da guerra que durou 16 anos, onde o tecido social, a economia e infra-estruturas haviam sido destruídos. Deste modo havia necessidade de os moçambicanos procurarem edificar o país destruído e os meios de comunicação jogaram um papel fundamental na consolidação da paz.

“Ao facilitar um vínculo entre os modos de actuar e os requisitos sociais dessa actuação, a televisão constitui-se como base que nos torna membros de uma comunidade” (Lopes, 2008: 65). Segundo este pressuposto apresentado pela autora, o programa *Ver Moçambique* enquadra-se perfeitamente, tendo em conta o seu perfil e os seus objectivos que são: criar uma identidade nacional nos moçambicanos a partir dos seus conteúdos de carácter informativo e educativo (Chavana, 2011).

Simão Anguilaze<sup>8</sup>, um dos mentores do programa *Ver Moçambique*, que desempenhou cargos de PCA e Director de Informação da TVM, conta-nos que o *Ver Moçambique* veio substituir o programa “Nós Por Exemplo”, que era uma produção quinzenal em reportagem de 30 minutos e que reportava questões sociais e políticas do país no período do conflito armado. Enquanto o *Ver Moçambique* serviu como um programa que pudesse contribuir para a reconciliação dos moçambicanos e lutarem por uma única causa, que era reconstruir o país, recuperar o tecido social e acima de tudo valorizar os hábitos culturais dos moçambicanos para fortalecer a Unidade Nacional na diversidade. Segundo Anguilaze (2011), o programa *Ver Moçambique*, que tinha como slogan “Levar o país à TVM e a TVM ao país” tinha a missão de trazer as realidades dos moçambicanos, as suas realizações, ansiedades; procurando deste modo criar uma identidade dos moçambicanos na diversidade.

Anguilaze (2011) e Cabaço (2011) corroboram com a ideia de que o programa *Ver Moçambique* visa dar espaço ao moçambicano sem voz no programa supostamente para as “elites políticas”. Referimo-nos ao espaço informativo, o telejornal, em que a maior parte das notícias falam dos políticos. “O nosso objectivo era de facto, por um lado, exaltar essa função da TVM que é de fazer reportagens sobre o país... Trazer bocadinhos da realidade de Moçambique, mosaico cultural; por outro lado, isso nunca dissemos, era interno, tinha a ver com o facto de o nosso telejornal que era muito politizado, é um telejornal com muita pressão política... Assim, encontramos um espaço, uma espécie de réplica ao telejornal” (Anguilaze, 2011).

<sup>7</sup> O termo cidadão comum tem uma carga ideológica, pois, apesar de tentar incluir cidadãos inicialmente excluídos de outros espaços reservados a elites, tem a particularidade de excluir outros cidadãos. Com efeito, o termo cidadão comum deixa de lado certos grupos que, por razões de vária ordem, não acedem aos espaços a eles reservados. Não obstante, o termo cidadão comum tem a particularidade de enfatizar a inclusão. Daí o nosso uso.

<sup>8</sup> Simão Anguilaze, Ex Presidente do Conselho de Administração e Director de Informação da TVM-E.P. 1998-2009. Entrevistado em Maputo no dia 24.01.2011.

Outro aspecto apontado por Anguilaze para a criação do *Ver Moçambique* tinha a ver com o dar espaço às notícias vindas das províncias porque no telejornal eram peças produzidas na cidade de Maputo. Era necessário “desmaputizar” a TVM, disse Anguilaze. O *Ver Moçambique* é um programa diário, informativo e educativo da Televisão de Moçambique, com perfil desenhado na perspectiva de trazer a realidade do país, através de pequenas reportagens de 5 minutos produzidas por jornalistas de todo o país e apresentado em 27 minutos (Anguilaze, 2011).

## A Produção do Programa *Ver Moçambique* da TVM

Embora vários autores estabeleçam muitas subdivisões na classificação aos géneros jornalísticos, podemos considerar quatro géneros: “notícia, reportagem, crónica e artigo ou comentário” (Fontcuberta, 2010: 81). Neste contexto, o programa *Ver Moçambique* enquadra-se no género de reportagem, embora seja de cinco minutos, ela oferece informação de forma diferente porque abrange mais o público no que toca ao relato dos factos e também aborda os temas com maior profundidade, disse Moiane.<sup>9</sup>

Segundo Ponguane<sup>10</sup> o programa *Ver Moçambique* da TVM tem funcionado de forma descentralizada na sua apresentação, uma vez que os Pivots passaram a ser regionais, ou, em algumas delegações provinciais, contrariamente ao perfil inicial que tinham dois Pivots sediados na capital, Maputo. Duas razões são apontadas para a alteração do formato do programa: “Uma foi a logística, que estamos a descongestionar a produção. Tudo é produzido a partir de Maputo, depois faz-se os pacotes e vão para o ar a partir de Maputo. Nós queremos reduzir o volume de produção aqui. Como temos centros de produção espalhados pelo país, queremos capitalizar dos materiais vindos de todas as províncias e o segundo é que temos a fibra óptica a expandir” explica Chavana.

O programa *Ver Moçambique* é produzido por uma vasta equipa de jornalistas e operadores de câmaras espalhada por todo o país, uma vez que a TVM possui, em cada capital provincial uma Delegação. Segundo Chavana (2011), há necessidade de dar maior atenção às comunidades mais recônditas para que a TVM seja o local onde todos os moçambicanos possam rever-se.

A produção do programa *Ver Moçambique* é feita a partir da recolha de material noticioso no terreno, seja de carácter informativo ou educativo, por uma equipa de jornalista e operador de câmara. Para melhor percebermos a operação, recorremos a três jornalistas que escolhemos nas três regiões do país: Sul, Centro e Norte de Moçambique.

Nas acepções de Fontcuberta (2010), o jornalista de hoje é importante que tenha conhecimentos técnicos e teóricos que o qualifique como especialista em comunica-

<sup>9</sup> Emília Moiane, Chefe de Redacção da TVM- E.P. Entrevistada em Maputo no dia 02.02.2011.

<sup>10</sup> Simião Ponguane, Director de Informação da TVM. Entrevistado em Maputo no dia 02.02.2011.

ção numa área concreta da informação jornalística. Segundo autor “a especificidade da profissão de jornalista passa, pois, pela sua conversão num verdadeiro especialista, com capacidade para seleccionar, analisar e comunicar com rapidez o fluxo de informação gerada pelas diferentes áreas de conhecimento da realidade social que hoje configuram a informação jornalística” (Fontcuberta, 2010: 102).

Macuácu<sup>11</sup>, Espada<sup>12</sup> e Fernandes<sup>13</sup>, são jornalistas afectos à produção do programa *Ver Moçambique*, com uma experiência na produção de notícias (telejornal), embora não tenham recebido nenhuma formação específica para fazer parte da produção do programa *Ver Moçambique*. A sua integração foi fácil, visto que vêm de uma área onde tinham a função de produzir notícias de actualidade, contrariamente ao perfil do *Ver Moçambique*.

Na visão dos nossos interlocutores, o programa *Ver Moçambique* consiste em trazer a realidade de cada moçambicano em reportagens, que abordam os seus anseios, os seus desafios e suas realizações, “dar voz a quem não tem voz” (Fernandes, 2011).

“Outro aspecto considerado como prioridade nas reportagens é o facto de, através do alinhamento tentar englobar todas as províncias no programa de cada dia, mostrando assim a identidade dos moçambicanos na diversidade. Portanto, o *Ver Moçambique* é o espelho dos moçambicanos” (Macuácu, 2011).

## Distribuição do Sinal de Televisão em Moçambique

Actualmente, Moçambique conta com cinco canais de televisão nacionais (STV, TIM, Mira Mar) e a RTP – África, totalizando assim seis canais. No entanto, a TVM é o único canal com maior abrangência a nível nacional e o seu sinal é transmitido via satélite. Segundo Amarildo Ho-Poon<sup>14</sup>, Director técnico da TVM, o sinal abrange aproximadamente 45% das zonas com maior aglomeração populacional do país. O maior raio de abrangência é o centro emissor que está localizado na capital do país, Maputo.

A actual distribuição do sinal tem a ver com a forma como este meio de comunicação foi implantado no país. “O primeiro emissor teve como base a capital do país” (Ho-Poon, 2011). Segundo nosso entrevistado, depois de Maputo o critério que se seguiu teve a ver com questões políticas. Depois da cidade capital, seguiram-se as capitais provinciais da cidade da Beira e depois Nampula e, passados anos, foram instalados emissores nas restantes oito capitais provinciais. Hoje a TVM conta com mais de 42 repetidoras de sinal, quase por todo o país, abrangendo actualmente os distritos e algumas localidades, como ilustra o mapa abaixo.

<sup>11</sup> Águeda Macuácu, Jornalista da TVM-E.P. afecta no Centro de Televisão Central, zona Sul de Moçambique. Entrevistada no dia 10.04.2011: 10.20, via Skype.

<sup>12</sup> Susana Espada, Jornalista da TVM- E.P. afecta no Centro de Televisão Provincial da Beira, zona Centro. Entrevistada no dia 12.04.2011: 13.00, via telemóvel.

<sup>13</sup> Floriberto Fernandes, Jornalista da TVM- E.P. Afecto no Centro de Televisão Provincial de Nampula, zona Norte de Moçambique. Entrevistado no dia 24.03.2011, via Skype.

<sup>14</sup> Amarildo Ho-Poon, Director Técnico da TVM. Entrevistado em Maputo no dia 15.01.2011.



## Resultados

*Ver Moçambique* é um programa diário, informativo e educativo da TVM que tem como perfil desenhado buscar as realizações do quotidiano das diferentes comunidades moçambicanas, com intuito de, a partir das reportagens produzidas pelos jornalistas que seleccionam a informação noticiosa das mesmas, retratar as actividades, na perspectiva de mostrar as diferenças regionais e construir uma identidade única na diversidade da nação moçambicana. Desta forma propomos a seguinte questão de partida: De que forma a Televisão de Moçambique contribui para a construção da realidade identitária dos moçambicanos?

Sendo assim, para a nossa investigação, recolhemos dados documentais de peças produzidas para o programa *Ver Moçambique*, que são reportagens de 5 (cinco) minutos, onde abordam questões ligadas a vários aspectos sócio-económicos e culturais do dia-a-dia dos moçambicanos, as suas realizações no geral. São peças de “não actualidade”<sup>15</sup> e correspondem aos meses de Setembro e Outubro de 2010. Dos 40 programas previstos, que correspondem aos meses acima indicados, só nos foi possível ter à nossa disposição 33 programas que corresponde a 82.5%. Tendo em conta o perfil do programa, foram usadas como amostra as peças produzidas durante o período acima indicado. Outras variáveis que vamos privilegiar são as peças produzidas, temas abordados por província, região, distrito e fontes.

Segundo Santos (2006), as fontes de informação representam um elemento fundamental na produção da notícia. O autor define fonte de informação como uma entidade que presta informações ou fornece dados ao jornalista, planeando assim acções ou descrevendo factos, ocorrência das realizações de um acontecimento. “(...) todo o mundo pode ser fonte, desde que um jornalista a procure e escreve uma notícia sobre ela” (Santos, 2006: 75). Para o autor, estas fontes podem ser distinguidas em quatro categorias: “Jornalista; porta-vozes de instituições e organizações não governamentais; cidadãos individuais” (Ericson, *in* Santos, 2006: 76). O autor salienta que neste processo existe uma luta entre as agendas das fontes de informação, de modo a algumas terem mais possibilidades de ser notícia do que outras.

Para melhor entendimento no que diz respeito às fontes usadas nas peças produzidas, optamos em classificá-las em três categorias: exclusivamente fontes oficiais (Governos, especialistas e ONGs), exclusivamente fontes não oficiais (cidadão comum) fontes oficiais e não oficiais na mesma peça (Governantes, especialistas ONGs e cidadãos individuais). Outro aspecto a ter em conta é relativo à maneira como agrupamos algumas províncias: Sul, Centro e Norte. A zona sul é composta pelas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane. No centro temos Sofala, Manica, Tete e Zambézia. Por último, no norte são as províncias de Nampula, Niassa e Cabo Delgado.

## Fontes Usadas por Província

Felisbela Lopes (2005), na sua análise dos usos das fontes nos debates da televisão de canais generalistas, verificou que sempre foram privilegiadas as políticas, ou seja que, detendo um poder governativo legislativo ou da liderança partidária. Este facto pode ser constatado na nossa análise, onde os dados percentuais apontam uma clara vantagem a fontes oficiais (37.1%) face às não oficiais (11.7%) nas peças produzidas no programa *Ver Moçambique*, contrariando assim os objectivos desenhados para o perfil do programa.

<sup>15</sup> Peças de Não actualidade – termo técnico usado na televisão para referir notícias que não perdem actualidade, isto é, podem não ser emitidas no mesmo dia.

Nas dez províncias, durante os dois meses foram observadas 73 peças que só usam fontes oficiais, correspondendo a 37,5%, contra 11,6% que representam as peças exclusivamente com fontes não oficiais. No total das 197 peças observadas, 101 usaram simultaneamente fontes oficiais e não oficiais. Olhando por regiões, temos a destacar a região Sul do país que teve o valor mais baixo no que concerne às fontes não oficiais. Na amostra de 197 peças, apenas foram entrevistados três cidadãos comuns.

Anguilaze (2011) explica que os primeiros anos da sua existência, o programa sempre reportou questões ligadas ao quotidiano dos moçambicanos e pela importância dos temas abordados pelos jornalistas, que tinham a ver com o social e a cultura dos moçambicanos passou a liderar as audiências. “Este programa começou a fazer réplica ao telejornal que sempre foi o produto mais assistido no país” (Anguilaze, 2011).

Para Anguilaze (2011), com a dinâmica e desenvolvimento do país, várias acções, a nível do governo foram sendo amplificadas e como todos “queriam que o seu assunto passe no telejornal da TVM”, isso levou com que as prioridades, em termos de alinhamento das peças fossem na base da importância da peça e hierarquia na estrutura do Governo. “Como o nosso telejornal tem 45 minutos, as peças produzidas nas províncias relacionadas com o poder local já não tinham espaço. Assim sendo, fomos obrigados a inseri-las no programa *Ver Moçambique* e aos poucos, o cidadão comum começou a perder seu espaço”.

Outro aspecto que podemos apontar, é que durante a nossa observação e análise das peças, por exemplo as que o cidadão comum partilha a informação com as fontes oficiais ou organizações não governamentais, ele tem pouco tempo de antena, uma vez que é apenas um beneficiário da acção social ou projecto desenhado pelas instituições oficiais.

Do total das 197 peças analisadas do programa *Ver Moçambique*, importa destacar em relação à produção por província o seguinte: Zambézia, localizada na zona Centro do país, é a que mais contribuiu com 46 peças, que correspondem a 23,4%. Em contrapartida, a província de Gaza, na região Sul, registou menor contribuição: 7 peças, que representam 3,6% durante os dois meses em análise. Olhando por região pode-se notar que a zona Sul do país teve uma produção percentual de 14,2%, tem sido um valor baixo comparativamente à região Centro, que alcançou 48,3% enquanto que a região do Norte soma 37,5%.

Por outro lado, observamos nas peças produzidas que os governos provinciais e distritais do Centro foram os que maiores intervenções fizeram nas peças. Podemos também observar que o objectivo dos mesmos tem a ver com a promoção do seu trabalho, tendo em conta que, na sua óptica tudo aquilo que é realização do Governo ou ONG deve ser notícia.

Num total de 128 distritos, os jornalistas do programa *Ver Moçambique* puderam cobrir 73 distritos, incluindo os municípios, o que corresponde a 56,3%. Zambézia e Nampula foram as províncias que se destacaram na produção de peças por distrito: Na Zambézia foram feitas 46 peças em 14 distritos, onde o Município de Quelimane foi o que teve maior frequência (11 peças). Para Nampula foram edita-

das e emitidas 32 peças produzidas em 11 distritos e regista-se uma maior frequência no Município com mesmo nome, com 16 peças.

No sentido inverso destacamos as províncias de Tete e Inhambane: olhando para a província de Tete, os dados de produção na província é de 12 peças, distribuídas em poucos distritos, 4 e com o mesmo número de frequência no distrito de Angónia das 197 peças. A província de Inhambane também contou com 4 distritos onde foram produzidas 7 peças e a maior frequência no município com mesmo nome, 3 peças.

Na óptica do Chavana (2011), o programa *Ver Moçambique* deve reflectir-se na realidade das zonas mais recônditas do país: “É lá onde tem a maior parte da população e é lá onde acontecem as coisas”.

Pelos dados analisados, peças por distrito, notámos que foram produzidas peças acima da metade dos distritos no seu todo. Mas no nosso entender é visível que na sua maioria são produzidas nos grandes municípios, principalmente nas sedes capitais. Este facto tem a ver, segundo Chavana (2011), com a falta de condições financeiras logísticas para fazer deslocar as equipas aos distritos mais recônditos de Moçambique.

“Nós ainda não temos condições que possam suportar a grande logística que é necessária para cobrir o país todo, mas o programa está ajudar a trazer uma dimensão das realizações na medida do possível. (...) Realmente andamos perturbados pelo ritmo de produção de notícias nos centros urbanos” (Chavana, 2011).

## Síntese da Análise das Peças

Olhando para as variáveis: fontes usadas, peças por província, tema por província e peças por distritos, podemos observar o seguinte. Nas fontes usadas, tendo em conta o perfil do programa *Ver Moçambique*, que é trazer as realizações, as ansiedades, tendo como actor principal o cidadão comum, não se verifica porque as reportagens produzidas são na sua maioria feitas na base da agenda dos Governos, do topo até ao local, ofuscando assim as preocupações dos cidadãos.

Sobre as peças produzidas por província e por distrito é de salientar que os programas não têm um critério rigoroso para o alinhamento do programa, uma vez que em cada programa encontramos mais de duas peças de uma só província, sabendo que o país conta com 10 províncias e 128 distritos.

Em relação aos temas abordados consideramos serem pertinentes porque, de alguma forma trazem a realidade do país, embora sejam diferentes, porque são projectos, na sua maioria do Governo e das OGNs.

Nos 33 programas analisados podemos constatar alguns aspectos que achamos importantes neste processo de produção das peças. Os temas abordados são do interesse das comunidades, embora o cidadão comum não seja propriamente o actor principal, mas sim o governo. Esta razão prende-se com o facto de os jornalistas estarem sujeitos a publicar as realizações do Governo e das organizações não governa-

mentais. Os conteúdos produzidos nas peças são uma linha orientadora do Governo que pretende transmitir uma mensagem de desenvolvimento e construção de um país, onde há participação de todos os moçambicanos.

## **Análise das Entrevistas à População da Sede Distrital de Magude**

Realizámos 20 entrevistas aos receptores da TVM e do programa *Ver Moçambique* do distrito de Magude. A escolha do distrito tem a ver com o facto de, das cinco emissoras de televisão existentes em Moçambique, apenas a Televisão de Moçambique tem sinal naquele ponto do país que fica localizado a 150 kms do norte da capital, Maputo, e pertence a província com mesmo nome. Por outro lado, a nossa escolha deveu-se a questões logísticas, não nos permitiram abranger outros locais com as mesmas características.

Dos 20 entrevistados, 11 (onze) são homens e 9 (nove) são mulheres. Quanto ao nível de escolaridade, dos 20 entrevistados temos: 12 indivíduos com nível básico, 7 nível com nível médio e 1 não letrado. Neste caso, procurámos saber se assiste os programas da TVM, com que frequência (diariamente; várias vezes; pelo menos uma vez por semana) e que tipo de programas gosta de assistir, principalmente os Informativos e educativos, mais concretamente o programa *Ver Moçambique*. Das respostas obtidas, destacamos o seguinte: os 20 inquiridos responderam que assistem aos programas da TVM, o que equivale a 100% da nossa amostra. Relativamente à frequência com que assistem: por sexo, dos 11 homens, 9 assistem diariamente, um indivíduo várias vezes e o outro pelo menos uma vez por semana. Das 9 mulheres entrevistadas, 7 assistem diariamente, uma várias vezes e a outra pelo menos uma vez por semana.

Uma vez que o programa *Ver Moçambique* está inserido na categoria de género informativo e como melhor forma de aferirmos o nosso propósito, procurámos saber dentre os seguintes programas: *Bom Dia Moçambique* (das 06h-08h), *Primeiro Jornal* (das 13h-13.30) *Ver Moçambique* (19h-19.30) e *Telejornal* (20h-20.45), qual é o programa que as pessoas mais preferem assistir e porquê. Dos 20 indivíduos entrevistados, do universo de 9 indivíduos do sexo masculino, 7 têm maior preferência no programa *Ver Moçambique*, enquanto 2 gostam mais do *Telejornal*. Em relação às razões da escolha: todos são unânimes em considerar que preferem estes programas porque passam depois das 18h, período em que estão livres.

Dos 11 indivíduos do sexo feminino, 10 preferem o programa *Ver Moçambique* e uma pessoa gosta mais de assistir ao *Primeiro Jornal*. Razões apontadas: as que preferem o *Ver Moçambique* consideram que é melhor acompanhar o programa informativo porque depois ocupam-se com outros afazeres, como preparar tudo o que é necessário para o dia seguinte.

A Televisão de Moçambique, através do seu programa *Ver Moçambique* procura criar esta relação entre as várias identidades nacionais de forma a criar uma

coesão na diversidade cultural dos moçambicanos. Considerámos pertinente abordar junto dos nossos entrevistados, se o programa *Ver Moçambique* seria mais um elemento de coesão para as comunidades moçambicanas, o que responderam o seguinte: Dos 20 inquiridos, 18 consideram que o programa é um exemplo da realidade moçambicana porque reflecte o quotidiano dos moçambicanos das zonas mais longínquas do país e as realizações das actividades do Governo. Para ilustrar, apresentamos as transcrições literais das respostas de alguns entrevistados:

“De um modo geral, o programa *Ver Moçambique*, posso considerar que é um programa que representa todas as comunidades porque ele traz acontecimentos que passam em quase toda parte do país, traz o reflexo daquilo que são as actividades do Governo e da própria população para o desenvolvimento do país” (24 anos).

“No *Ver Moçambique*, é lá onde vejo muitas coisas que acontecem noutras partes do país...vejo pessoas que vivem muito longe daqui, vejo como é que eles vivem e isso é muito bom para mim como moçambicano. Sei que nunca por exemplo para norte do país porque é longe, ir conhecer com meus olhos, mas quando anoitece fico na TVM, no programa *Ver Moçambique* e consigo chegar lá longe...” (34 Anos).

“O programa *Ver Moçambique* tem a ver com o nosso país, conseguimos ver muitas coisas que se passa noutros locais...por exemplo, já vi Magude aqui no programa *Ver Moçambique* quando inauguraram a escola onde minha filha estuda...Sei que também lá longe viram Magude e assim já sabem que em Moçambique existe Magude” (27 Anos).

“No *Ver Moçambique* conseguimos ter a noção do que realmente acontece no país porque mostra o quotidiano dos moçambicanos, as suas realizações, aliás, não só das comunidades, mas sim, aquilo que o Governo faz para melhorar a vida das populações” (19 Anos).

Chavana (2011) reconhece que há uma necessidade de fazer chegar as equipas do *Ver Moçambique* em todo o país como forma de trazer a representatividade de todas as comunidades, mas há vários constrangimentos: “infelizmente, devido a fragilidade logística, continuam a chegar apenas aos distritos quando um grande empresário convida, quando o governador vai lá e convida” (Chavana, 2011). Esta visão é também partilhada por Simião Ponguane e Emília Moine, Director Informação e chefe de Redacção da TVM, respectivamente.

No que concerne a questão da identidade nacional, todos os entrevistados referem que ainda existe muito trabalho a fazer para que todos se sintam como moçambicanos e consideram que a TVM tem contribuído bastante neste domínio através do programa *Ver Moçambique*, como ilustram as seguintes transcrições literais:

“a televisão mostra poucas vezes, por exemplo, danças culturais. Aquilo que representa a nossa cultura... embora eu seja do sul, eu gosto de ver, por exemplo, danças do norte e centro... principalmente de centro, existe alguma coisa que parece daqui da nossa zona. Assim sentimos que algumas coisas fazem parte da nossa cultura e acredito que isso pode ser motivo para eu sentir-me moçambicano com aquele que vive longe de mim” (33 Anos).

“Olha, na TVM costuma mostrar pessoas de Maputo que vive em Nampula. Eles costumam fazer festas prepara comida daqui; malta matapa com amendoim... e não fica só eles de Maputo na festa, convida outra gente, por exemplo daquele província que está e comem, bebem e dançam. Isso nós vemos que é bom porque todos moçambicanos troca experiência de vida. Se não fosse *Ver Moçambique* eu não havia de saber que acontece isso...isso é unidade nacional” (37 Anos).

“eu nasci aqui em Madugo e nunca saí daqui. Conhece muitas pessoas que são moçambicano por causa de assistir este programa de *Ver Moçambique*... Quando começou este programa foi quase mesmo ano que chegou TVM aqui no Magudo. Eu conhecia tradições de Magudo... como nós vive aqui, mas agora eu já conhece outras terras de Moçambique porque sempre, de segunda-feira para sexta-feira, eu não falha ver este programa. Acho que é bom porque ia morrer sem saber muita coisa doutros moçambicano” (75 Anos).

## Considerações Finais

Analisadas as reportagens produzidas durante os dois meses do programa *Ver Moçambique* que têm como finalidade buscar as realizações do dia-a-dia das diferentes comunidades e regiões moçambicanas, podemos constatar que, de um modo geral, as pretensões vão ao encontro do perfil do programa.

Verificamos que os jornalistas produtores do programa, embora com grandes problemas de meios (financeiros, materiais e humanos), procuram através das reportagens trazer o espelho da realidade do país, na medida do possível, tentando criar um sentimento de unidade desta “comunidade imaginada” (Anderson, 1983) que é caracterizada por uma diversidade cultural e linguística acentuada.

Das 197 peças produzidas para o programa *Ver Moçambique*, de alguma forma, reflectem os acontecimentos que as comunidades vivem, não obstante a falta de fontes do cidadão comum, uma vez que a produção das reportagens, a sua maioria reflecte as actividades e realizações do Governo.

Uma das razões apontadas pelos jornalistas e a direcção da TVM para este cenário tem a ver com o facto de a empresa estar a enfrentar dificuldades (falta de meios: financeiros, materiais e humanos) e assim, as equipas de reportagem estão sujeitas a ir “ao reboque” das entidades governamentais e ONGs para o terreno.

Portanto, o perfil desenhado para a materialização dos objectivos do programa, cujo slogan é “Levar o país à TVM e a TVM ao país”, começou a perder-se devido à pressão dos governos provinciais, distritais e ONGs, que passaram a ocupar este espaço informativo para a promoção das suas actividades. Outra questão que podemos observar no programa *Ver Moçambique* tem a ver com o alinhamento e apresentação dos Pivots. Não existe um critério rígido no alinhamento, podendo entrar duas ou mais peças seguidas de uma única província em detrimento das restantes dez que compõem o país.

No que respeita às entrevistas realizadas junto da população de Magude, a grande maioria dos entrevistados identifica-se com o programa *Ver Moçambique* pelo facto de através deste poderem ver realizações, usos e costumes, práticas culturais de diversos pontos do país. Nesse sentido, os dados recolhidos apontam no sentido de que este programa da Televisão de Moçambique contribui para o reforço do sentimento de unidade nacional.

## Bibliografia

- Anderson, B. (1983) *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.
- Anguilaze, S. (2011) *Entrevista Sobre a Contribuição da TVM na Identidade Nacional*. Realizada em Maputo no dia 24.01.2011.
- Bauman, Z. (2004) *A Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cabaço, J. (2011) *Entrevista Sobre a Criação da Televisão Experimental de Moçambique*. Realizada no dia 01.02.2011.
- Cabaço, J. (2010) *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*. Maputo: Edição Marimbiqwe.
- Cabecinhas, R. (2007) *Preto e Branco: A naturalização da discriminação racial*. Porto: Campos das Letras.
- Chavana, A. (2011) *Entrevista Sobre a Contribuição da TVM na Construção da Identidade Nacional*. Realizada em Maputo no dia 08.02.2011.
- Espada, S. (2011) *Entrevista Sobre a Produção Jornalística do Programa Ver Moçambique*. Entrevista realizada no dia 12.04.2011 via Telemóvel, Cidade da Beira.
- Fernandes, F. (2011) *Entrevista Sobre a Produção Jornalística do Programa Ver Moçambique*. Realizada no dia 0.24.03.2011, via skype, Cidade de Nampula.
- Fontcuberta, M. (2010) *A Notícia. Pistas para Compreender o Mundo*, 3ª edição. Alfragide: Sociedade Editorial, Lda.
- Lopes, M. (2006) “Televisões, nações e narrações: Reflexões sobre as identidades culturais em tempos de globalização”. In Martins, M. Sousa H. & Cabecinhas R. (Eds). *Comunicação e Lusofonia – Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*. Porto: Campos das Letras.
- Macamo, E. (2011) *Entrevista sobre a Identidade Moçambicana*. Realizada no dia 15.05.2001 no Porto.
- Macuácu, A. (2011). *Entrevista Sobre a Produção Jornalística do Programa Ver Moçambique*. Realizada via Skype no dia 10.04.2011 em Maputo.
- Magaia, A. (1994) *A Informação em Moçambique: A força da Palavra*. Maputo: AMOLP.
- Magaia, A. (2010) *Moçambique: Raízes, Identidade, Unidade Nacional*. Maputo: Sociedade Editora Ndjira, Lda.

- Mondlane, E. (1969/1995) *Lutar Por Moçambique*. Maputo: Minerva Central.
- Ngoenha, S. (1998) Identidade Moçambicana: Já e Ainda não In Carlos Serra (org), *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária UEM.
- Nhacumba, A. V. (2011) *O Contributo da Televisão de Moçambique na Construção da Identidade Nacional: Estudo do Caso: Análise do Programa Ver Moçambique*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho: Braga, Portugal.
- Rocha, A. (2006), *Associativismo e Nativismo Em Moçambique. Contribuição para o Estudo das Origens do Nacionalismo Moçambicano*, Maputo: Texto Editores.
- Santos, B. S. de & Silva, T. Cruz e (2004). *Moçambique e a Reinvenção da Emancipação Social*. Maputo: Centro de Formação Jurídica e Judiciária.
- Smith, A. (1999) *Nações e Nacionalismo Numa Era Globalizada*. Oeiras: Celta Editora.
- Wolton, D. (1994) *Elogio do Grande Público: Uma Teoria Crítica da Televisão*. Porto: Edições ASA.